

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón  
por videoconferência de Milão, 19 de maio de 2021**

*Textos de referência: L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, Deixar marcas na história do mundo, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019; capítulo III, ponto 3: “Um Povo continuamente desfeito e reconstruído” e capítulos 1 e 2 do livro J. Carrón, Há esperança? O fascínio da descoberta (a ser publicado) disponível on-line no site da CL.*

- *Mare nostrum*
- *O meu rosto*

*Glória*

Boa noite a todos! Ao trabalhar sobre os dois primeiros capítulos do livro dos Exercícios da Fraternidade, muitos de vocês ficaram impressionados com o olhar sobre a própria humanidade (marcado pelo medo, pelo mal-estar e pela angústia) que veio à tona de modo “grandioso” durante a pandemia. Mas foi justamente a circunstância da pandemia que nos tornou conscientes de que medo, mal-estar e angústia são parte do tecido do nosso eu. Sexta-feira à noite, nos Exercícios, iniciamos um caminho que fez com que um mundo se abrisse para aqueles que seguiram a provocação lançada.

Uma amiga nossa, que está no Movimento há vinte anos, me escreveu: “Depois dos Exercícios, que foi um momento de grande graça, senti uma dor enorme. Você começou falando de sentimentos profundos, como o medo, o mal-estar, a incerteza e a angústia. “Muitos sentimentos, que talvez jamais tenhamos realmente confessado a nós mesmos e sobre os quais pouco nos questionamos”. Em alguns grupos de Escola de Comunidade esses sentimentos agora encontraram ‘direito de cidadania’ e são tratados com grande espaço e respeito”. E ela se pergunta: “Por que só agora?! Manifestar um mal-estar, durante muito tempo era definido como ‘imaturidade’. A tristeza era chamada de ‘um passo pessoal’ que cada um devia dar. Foi necessário um ‘salvo-conduto’ para reconhecê-los e falar sobre eles? Este é o motivo da minha dor. Preciso que o meu eu seja unido, seja verdadeiramente inteiro”. Ela quer saber por que só agora estamos falando sobre isso. Para mim, parece estranho, porque a experiência do encontro com o Movimento foi justamente o que me permitiu olhar para a minha humanidade inteira. É a isto que Dom Giussani sempre nos encorajou: “Não é preciso arquivar nada, [...] nem censurar, esquecer, ou negar qualquer coisa” (*L’io rinasce in un incontro. 1986-1987*, Milão: Bur, 2010, p. 55). Por isso fico surpreso que essa dificuldade de olhar para a nossa humanidade ainda permaneça. Já em um dos primeiros textos do Movimento, *Passos de experiência Cristã*, Giussani escreveu que um homem verdadeiramente empenhado consigo mesmo não pode evitar fazer “experiência da impotência e da solidão” (*O caminho para a verdade é uma experiência*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2006, p. 106). E o capítulo 5 de *O Senso Religioso* é um “festival” desse olhar para o humano: fala, de fato, de tristeza, solidão, espera e nostalgia. Portanto, é um dado de fato que na proposta de Dom Giussani há um olhar completo sobre o humano – um olhar que tem sua origem em Jesus –; ele nos introduziu a isso quando disse, em 1998 na Praça de São Pedro (nós estudamos esse texto na Escola de Comunidade), citando a conhecida frase de Jesus: “Que adianta a alguém ganhar o mundo inteiro, mas arruinar a sua vida?” E ele comentou – com toda a sua capacidade de ternura que conhecemos bem – : “Nunca ouvi de ninguém uma pergunta que me deixasse tão sem fôlego como essa, feita por Cristo! Mulher alguma jamais ouviu outra voz falar de seu filho com semelhante ternura original e indiscutível valorização do fruto de seu seio [...] só a voz do judeu Jesus de Nazaré [...]. Só Cristo se interessa totalmente pela minha humanidade” (*Deixar marcas na história do mundo*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, p. 9). Mas pelo que nossa amiga disse e pelo que muitos sublinharam quando começaram a trabalhar sobre os Exercícios, fica evidente que não basta ler a respeito nos livros para que esse olhar se torne nosso. É preciso descobri-lo na experiência.

*Olá, boa noite a todos. Fiquei muito impressionada com a expressão usada por Rilke: “distraído pela espera”. Na verdade, mesmo cheia de compromissos e coisas para fazer, é impossível sufocar completamente minha necessidade, porque acontecem fatos que me provocam e me lembram que eu sou espera. Alguns dias atrás, na escola, pedi aos meus alunos que escrevessem sobre a solidão e, depois de devolver os trabalhos corrigidos, uma menina veio até a minha mesa com uma folha na mão dizendo: “Professora, marquei todas as perguntas que a senhora fez e gostaria de falar sobre elas”. De fato, perto de algumas afirmações dela, como: “Eu entendi que a solidão só pode ser vencida se a mascarmos, porque tenho medo de falar das minhas fragilidades, eu sempre fui traída”, eu escrevi: “Mas, você está feliz assim? Por que você não veste uma máscara agora e se abre comigo?” Então, saímos da sala no final da aula e ela confessou que nunca tinha encontrado alguém que levasse a sério sua ferida e que no ensino médio quando, a partir de um tema dado, pediu ajuda a um professor, ele abaixou sua nota porque aquilo era “muito pessoal”. Depois, ela acrescentou: “Professora, eu fui traída muitas vezes e minhas máscaras servem para me defender, mas não consigo resolver minha solidão e desde que a conheci desejo ser amada e aprender a amar os outros de modo mais verdadeiro do que eu faço”. Naquele momento, toda a minha necessidade ressurgiu e imediatamente eu disse a ela: “Eu também sou assim! Obrigada por me lembrar!” Era isso o que eu esperava no meu trabalho! Um instante em que o coração descansa. Mas, no dia seguinte, aconteceram coisas que me fizeram imediatamente cair outra vez nos meus pensamentos e na tristeza. E o que tinha acontecido no dia anterior? Onde tinha ido parar? Então, eu me pergunto: como aprender com a experiência? O que significa que podemos experimentar um descanso que “custodia e exalta”? Parece-me que ainda preciso descobrir essa minha necessidade para não depender do vento que sopra de um lado ou de outro. Mas como?*

Maravilhoso! Podemos ter visto acontecer: a aluna se maravilha com o seu olhar, você tem um sobressalto (porque era o que você esperava), mas um instante depois você cai novamente “nos pensamentos e na tristeza” e, outra vez, não sabe como olhar para si mesma. Isso identifica claramente a dificuldade que temos. A única maneira que aquela garota encontra para superá-la é mascarar a pergunta, a espera, a nostalgia; mas o que ela realmente quer é ser si mesma! Por isso, esperava ser alcançada por um olhar como o seu. Muitas vezes podemos parar na constatação da nossa recaída nos pensamentos e na tristeza, mas esse não é o problema. O que me interessa é que você aprenda com a sua experiência, senão, no dia seguinte é como se nada tivesse acontecido, apesar de ter acontecido. Então, entendo o que você disse: “Parece-me que ainda preciso descobrir essa minha necessidade”. Espero que nesta noite possamos nos ajudar a olhar para essa necessidade. Uma pessoa que não poderia se conectar me escreveu que ela também tinha essa dificuldade: antes ela vivia a nostalgia “como uma maldição”. Mas agora, depois do trabalho desses anos na Escola de Comunidade, está aprendendo duas coisas: a olhar para essa nostalgia – primeiro – “com curiosidade” e – segundo – “como um convite, uma possibilidade de encontro com o Mistério que é a carne das circunstâncias com que me deparo”. Para descobrir isso, precisamos olhar para a experiência que fazemos, sem censurar nada. Mas é preciso tempo para entender como aqueles momentos em que “o coração fica perturbado” e é esmagado podem ser vividos – esta é a pergunta que ela faz – “como um caminho e não como um obstáculo ao caminho”.

*Estou inscrito na Fraternidade há três anos, mas ainda não tinha conseguido participar dos Exercícios presencialmente (por uma razão ou outra), então eu queria muito participar. Na sexta-feira à noite fiquei impressionado com o que você falou sobre a espera, e na manhã de sábado eu entendi concretamente o porquê: recitar as Laudas, rezar juntos, ouvir aquelas músicas fez surgir em mim, novamente e com força, toda a espera por felicidade que eu tinha para aquele dia, a ponto de dizer: “Hoje, eu quero muito ser feliz!” Ficou muito claro que vivendo a realidade, tenho sempre essa espera no coração, mas preciso deixar tempo e espaço todos os dias para que ela venha à tona, sem aniquilá-la ou sufocá-la nas preocupações cotidianas. E, por isso, sou muito grato por nossos gestos sempre começarem com orações e canções justamente para nos ajudar a*

*tomar consciência da espera que se encontra no nosso coração todas as manhãs. Além disso, fiquei muito impressionado com o poder de um gesto realmente vivido; como eu disse, eu gostaria de ter estado em Rimini para mergulhar neste gesto, mas estar em casa também foi uma grande ocasião. Na verdade, fiquei muito surpreso que até os momentos livres – quando não estávamos conectados, trabalhando ou estando com os amigos com quem acompanhava os Exercícios – foram vividos com uma intensidade surpreendente e nova. Era como se o dia inteiro fosse vivido dentro do evento dos Exercícios; tudo era 'Exercícios', digamos. Tudo era vivido diante daquele evento que me lembrava tão claramente para o que eu sou feito e em que nível desejo ouvir meu coração. Até os momentos desperdiçados (isso foi o que mais me surpreendeu) tinham essa intensidade. Dou um exemplo simples e quase tolo, mas que permaneceu na minha cabeça: num momento de cansaço, eu estava – como acontece todos os dias – perdendo tempo no Instagram, com a falsa intenção de “relaxar”, quando, entre uma coisa e outra, enquanto rolava a tela, este pensamento surgiu: “Ah, sim, daqui duas horas tenho que me conectar para os Exercícios”. E, de repente, foi como se eu fosse resgatado, deixei o telefone de lado e voltei ao trabalho. É um exemplo pequeno, mas eu me senti exatamente como a criança do exemplo que você dá: quando ela faz uma arte, basta que o pai entre no quarto e imediatamente percebe a besteira que está fazendo. Então, os Exercícios foram um gesto que investiu todo o meu tempo naqueles dias, porque eles me convocavam à Presença diante da qual, assim como a criança diante do pai, é realmente simples me lembrar como eu quero viver.*

É muito bonito o que você descobriu sobre a natureza dos nossos gestos! Esta é a genialidade de Dom Giussani: ter criado gestos através dos quais somos introduzidos num tipo de experiência que nos faz entender o que ele quer nos comunicar. Ao mergulhar nos Exercícios, você percebeu que a espera de que falávamos estava acontecendo em você. A resposta ao nosso desejo de viver não é uma explicação teórica, por mais justa que seja. Explicações não bastam, precisamos mergulhar num gesto que nos faça experimentar o significado das palavras. É maravilhoso quando Giussani diz: “Uma definição [ou seja, uma explicação] deve dar forma a uma conquista já obtida, caso contrário não passaria da imposição de um esquema” (*Na origem da pretensão cristã*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2012, p. 90). Nunca vou me cansar de repetir isso, porque precisamos conquistar o significado das palavras dentro da nossa experiência. Então, um gesto é a imersão numa experiência que nos faz entender as coisas, por isso você ficou feliz com o que experimentou durante os Exercícios: “Tudo era vivido diante daquele evento”. Não só o evento, mas, a partir dele, você viveu tudo com a mesma espera. Você disse, de fato, que naqueles dias os Exercícios investiram todo o seu tempo, porque o convocavam à Presença diante da qual é simples lembrar como queremos viver. Os Exercícios são uma experiência humana que nos introduz ao significado, segundo o método de Deus: para nos fazer entender o amor, o Mistério nos faz fazermos a experiência de sermos amados. Para nos fazer entender a espera, o Movimento a desperta em nós através das músicas e das coisas que nos dizemos.

Então, como descobrimos o valor da palavra “espera” no dia a dia? Vamos ver como o método é o mesmo, dos Exercícios à vida comum.

*No domingo, eu e outras pessoas fomos dar um passeio por ocasião do aniversário de um amigo. O dia correu bem: vimos coisas bonitas, comemos e nos divertimos. Apesar disso, quanto mais o dia chegava ao fim, mais uma grande nostalgia crescia em mim, um “buraco”, eu diria. Voltando de trem, eu podia me reconhecer no verso do poema de Ungaretti: “Meu coração / hoje / não é senão / uma batida de nostalgia”. A tristeza era tão forte que me fazia chorar, e depois de alguns minutos tentando conter as lágrimas, precisei ceder e contar ao meu namorado, que estava comigo, sobre a dor que eu sentia. Aquele momento com ele foi o início da mudança: a presença de alguém fora de mim que perdoa os meus erros, que realmente me ama e diante de quem eu posso dizer que quero mais! Não me sentia mais sozinha, mas havia um outro que me olhava com ternura. Durante o dia tinha ficado particularmente magoada por ter tratado mal uma amiga; pedi desculpas imediatamente a ela, mas as desculpas não foram suficientes para eliminar a medida que eu tinha sobre mim. Depois, recebi uma mensagem daquela amiga: ela escreveu que aquele “me desculpe”*

*que eu tinha dito a ela tinha sido o único momento do dia em que se sentiu olhada. Não acreditei: ela estava dizendo aquilo justamente para mim, que me sentia condenada! Depois dessa mensagem, nos ajudamos a nos perguntar o que tinha faltado naquele dia: ela me disse que durante a viagem de volta, no carro em que ela estava, todos tinham falado dessa nostalgia, assim como eu, e que a partir da tristeza nasceu um diálogo entre eles. Nasceu no meu coração uma ternura desproporcional por todos aqueles que tinham passado aquele dia comigo, eu os sentia muito mais amigos do que quando saímos. Graças a isto, pude realmente entender o que o texto da Escola de Comunidade diz: “As perguntas últimas e constitutivas [...] que se afirmam no fundo do nosso eu, representam o ponto com que comparamos qualquer proposta, qualquer perspectiva, qualquer encontro” (Há esperança?, Cap. 1). Involuntariamente eu tinha vivido isso, e por isso fiquei infeliz por uma não-correspondência. Mas o que, no fim, virou tudo de cabeça para baixo, sobretudo o olhar para os amigos, foi perceber, lembrando também da Diaconia que nós, universitários, fizemos com você, que a inquietude que eu sentia, graças à companhia daqueles amigos tão audazes, tornava-se o critério para interceptar aquilo para o que meu coração é feito e não era mais uma condenação ou uma medida sobre mim.*

Dentro do que você contou, me impressiona que a nostalgia, que poderia ter arruinado o dia, foi justamente o que a tornou mais intensa, na relação consigo mesma e na relação com os amigos. Como vemos, é uma experiência que nos introduz ao significado das coisas que temos dificuldade de olhar (a tristeza, a espera, a nostalgia). A partir do reconhecimento da tristeza que você experimentou nasceu um diálogo entre vocês e “uma ternura desproporcional por todos os que passaram aquele dia com você, os sentia muito mais amigos”. Muitas vezes nos parece que essas experiências humanas (a tristeza, a nostalgia, a espera) arruinam o dia, quando na realidade são justamente as coisas que dão intensidade à relação com tudo! Quando vivemos essa experiência começamos a entender um pouquinho mais porque o Mistério nos fez assim como somos.

*Olá a todos. Tinha acabado de escrever minha contribuição para esta Escola de Comunidade, no qual dizia que, do auge dos meus sessenta e um anos, finalmente posso cantar a minha libertação: de fato, aceitar o desafio do real arriscando esse critério – que não é o meu e, no entanto, meu –, é o único caminho que me permite dizer “eu” e responder positivamente à pergunta: “Há esperança?” Depois, citei duas experiências: uma, trágica (dias atrás, um jovem de dezenove anos, depois de ter gritado “eu sou deus”, entrou em sua antiga escola e começou a atirar, ocasionando um massacre), e outra, que aconteceu no trabalho, de uma beleza incrível e pacificadora, que percebo como uma escada rolante privilegiada que me leva ao destino. Por fim, a descoberta de que ambas as experiências são habitadas por uma nostalgia infinita, o único critério para surpreender e mendigar Cristo no instante presente. Bem, eu tinha acabado de escrever, quando me deparei, inesperadamente, com uma página de tirar o fôlego de Dom Giussani sobre a tristeza: “Que a vida seja triste é o argumento mais fascinante para nos fazer entender que o nosso destino é algo maior, é o mistério maior. E quando esse mistério vem ao nosso encontro, [...] [o] fascínio se torna cem vezes maior.” Belíssimo! E, logo depois, ele continua: “Não lhe tira a tristeza”, tanto a nossa, como a dos apóstolos. Primeiro golpe: eu pensava que ele a tirasse e eu justificava isso por achar que o pensamento de Giussani fosse “mais letícia, menos falta”! Mas não, o pensamento de Giussani é completamente outro: “A tristeza é a condição que Deus colocou no coração da existência humana para que o homem nunca se iluda tranquilamente de que aquilo que ele tem possa lhe bastar. [...] A tristeza é parte integrante, não da natureza do destino do homem, mas da existência do homem, isto é, do caminho rumo ao destino, e está presente em cada passo. Quanto mais você ama esse passo, quanto mais esse passo é bonito para você, quanto mais é encantador para você, quanto mais é seu, tanto mais entende que lhe falta aquilo que você mais espera” (É possível viver assim?, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2008, pp. 337-338). Um outro mundo! Que é exatamente o que me falta! Ou seja, entender qual é o papel da tristeza, da falta e da nostalgia, para nosso caminho rumo ao destino. E como eu tenho dificuldade de entender qual o seu lugar no desígnio de Deus, suporto a falta ou a removo, em vez de amá-la porque nos leva ao destino.*

O trecho que você leu confirma mais uma vez o que eu disse no início, citando aqueles trechos de Dom Giussani, que sempre teve um olhar cheio de atenção para com os aspectos fundamentais que constituem o tecido da nossa humanidade. O fato de ter lido Leopardi quando era muito jovem, durante todo o ano, mostra como ele sentia decisivas para sua vida as experiências tão humanas que via documentadas em Leopardi. Por que a tristeza é tão importante? Porque para Dom Giussani é “um instrumento significativo do desígnio de Deus” (*É possível viver assim?*, op. cit., p. 337) para nos fazer entender o que somos e o que esperamos. Devemos amar a nossa falta, a nossa nostalgia, justamente porque, no desígnio de Deus, são parte do caminho rumo ao destino. Mas essa tristeza, que podemos entender teoricamente ou definir com palavras (todos nós “estudamos” *O senso religioso*), muitas vezes é como se nos incomodasse, porque não sabemos qual é o seu lugar na nossa vida. Giussani diz que se eliminamos algo do real, não conseguimos dar uma explicação adequada de todos os fatores da experiência. Por isso, não elimina nada, mas descobre – este é o trabalho que nós também devemos fazer – o lugar de tudo no desígnio de Deus. E isso torna tudo diferente, torna sua, minha, cada coisa, como se dizia antes.

Normalmente, o que nos falta é justamente esse olhar de ternura para com a nossa humanidade. Uma frase de Dom Giussani que identifica o que falta a nós, cristãos modernos, sempre me marcou: “Nós cristãos, no clima moderno, fomos afastados não das fórmulas cristãs, [...] não dos ritos cristãos, [...] não das leis do decálogo cristão [...]. Fomos desligados do fundamento humano, do senso religioso. Temos uma fé que não é mais uma religiosidade. Temos uma fé que não responde mais como deveria ao sentimento religioso; ou seja, temos uma fé [atenção!] não consciente, uma fé não mais inteligente de si mesma” (L. Giussani, *“La coscienza religiosa dell’uomo moderno”*, Chieti, 1986). Por isso, muitas vezes, como dizia a primeira contribuição que eu li, temos dificuldade em falar sobre o medo, sobre o mal-estar e a angústia; ou queremos excluí-los, porque não sabemos dar-lhes um lugar. Enquanto o humano que há em nós é fundamental para a forma como Giussani percebe o cristianismo e a fé! Por isso, nos interessa entender realmente o lugar que todas essas experiências humanas têm no desígnio de Deus.

*Olá, boa noite a todos. Retomar os dois primeiros capítulos do livro dos Exercícios foi, para mim, a reabertura de uma ferida, porque fala, de um modo muito forte, sobre algo que – devo admitir – talvez sempre tenha existido, e seja um ponto não resolvido. A coisa inesperada que começo a vislumbrar é que esse ponto não resolvido é recurso e não objeção para um caminho, é a possibilidade de eu despertar como consciência, razão e afeição, ou seja, oportunidade para uma disponibilidade ao Mistério dentro das coisas cotidianas e não algo a ser superado de uma vez por todas. A partir desse levar-me a sério, posso dizer que o dia começa, e se recupera várias vezes, com intensidade: nada é tirado da inquietude que não me deixa tranquilo, mas passo a passo me guia para uma relação com a realidade, uma relação com o presente, um vínculo. Reconheço que a responsabilidade, como uma decisão da liberdade, é sempre possível e, em alguns momentos, posso experimentar o seu poder, mas também é a coisa mais frágil, porque está nas minhas mãos. Qual é o segredo para não perder essa posição dentro das coisas do dia a dia? Se a companhia não me substitui nessa decisão, qual é o valor da nossa companhia?*

A primeira coisa a observar é que é esta companhia que está introduzindo você a olhar para todas essas experiências tão humanas não como uma objeção, mas como um recurso. Isto é o que você menos esperaria de um gesto como os Exercícios! Este é o valor da companhia, esta é a ajuda que lhe dá: o introduz, como Jesus introduzia os discípulos, a olhar para todo o abismo da sua humanidade: “Que adianta a alguém ganhar o mundo inteiro, mas arruinar a sua vida?” Cristo, como Dom Giussani nos ensinou, olha para nossa humanidade com ternura. Ninguém levou nossa humanidade a sério como Jesus. Por isso, nossa companhia tem como propósito nos introduzir a olhar para a parte da nossa humanidade que gostaríamos de – como disse o aluno da nossa amiga – “mascarar”, que gostaríamos de constantemente deixar de lado, que percebemos como um obstáculo; nos ajuda a mudar nosso olhar sobre o humano que está em nós. Podemos participar da vida do Movimento “há séculos” e ainda olhar para a nossa humanidade como um obstáculo, como

algo a ser deixado de lado, como um sinal de “imaturidade”. Como se esperássemos, pouco a pouco, eliminá-la definitivamente. Mas, ao contrário, Jesus desperta nossa humanidade. Como você disse: desperta o seu eu com todas as suas as suas exigências e, portanto, com toda a sua nostalgia, com toda a sua falta – “De que falta é esta falta, / coração?”, disse Luzi (“De que falta é...”, em *Sotto specie umana*, Milão: Garzanti, 1999, p. 190) – porque sem isso você não será capaz de interceptar em cada passo do seu caminho Aquele que vem lhe responder. Esta é a contribuição que podemos dar hoje a tantas pessoas que encontramos (com suas feridas e tentativas de esconder – de “mascarar” – o mal-estar que sentem): olhar para elas de um modo diferente.

*Fiquei muito impressionada com a frase que você nos disse logo no início dos Exercícios: o impacto com as circunstâncias é inevitável, mas que esse impacto se torne uma provocação não é óbvio. É verdade, é outra coisa viver as circunstâncias como uma provocação para mim. Observando-me em ação, percebo que na minha vida tudo é um diálogo, sempre: eu nunca sou a mesma, a realidade que vem ao meu encontro nunca é igual. Reconhecer um diálogo, acolher a provocação do real tem origem em mim. A maior coisa que me aconteceu é justamente esse dom, essa graça: poder tirar o véu da realidade, poder ver o que há dentro, ou seja, poder sempre, em qualquer circunstância, diante de qualquer fato, de qualquer aspecto meu, fazer um pedido de significado. Minha esperança reside nisso, na certeza dessa pergunta inextirpável e sempre possível, que abre uma fresta na realidade e me põe em diálogo, põe-me diante da certeza de uma Presença que está em diálogo comigo. Há momentos em que eu iria até o fim do mundo apoiada só nessa certeza, e momentos em que eu só consigo me defender da realidade “excessiva” que vem ao meu encontro e que eu tenho um medo louco de atravessar por aquilo que é, assim como se apresenta. Nestes casos, eu obstruo a realidade, eu a manipulo, eu sobreponho a ela os meus esquemas para me salvar da vertigem, da espera diante da qual não consigo ficar. É uma luta instante a instante, uma luta entre a minha imagem (e a minha tentativa para alcançá-la) e a espera absoluta! Alguns dias atrás, num lindo domingo de sol, eu realmente travei uma luta entre a minha ideia do que me faz feliz e aceitar aquilo que me era colocado, que não era o passeio pela montanha que eu queria. Pus outra vez a questão de um significado à altura, não me escondi dessa luta, procurei por cada traço d’Ele para redescobrir que Ele me espera no lugar em que estou, para não perder aquele dia atrás de pensamentos que me arrancam do presente. Que luta! Sempre penso na minha irmã, que se tornou mãe recentemente: para ela, que tem um coração quase tão inquieto quanto o meu, não é um esforço aceitar aquilo que existe, porque o que existe é aquela criança que foi confiada a ela e que só ela pode cuidar. Imagino que alguns de seus dias são absolutamente normais, sem os fogos de artifício que normalmente confundo com o significado, com o valor dos meus dias. E como é para mim, que estou fazendo o caminho da vocação nos Memores Domini? Eu também não tenho uma coisa para cuidar, para responder, também não tenho algo que me solicita? Tenho, e é esse relacionamento vivo que posso decidir fazer crescer ou negligenciar. É um diálogo com o Amado, que me toma novamente através de mil instantes que são uma reverberação d’Ele. Eu lhe agradeço, porque o seu sim, como o sim de um verdadeiro amigo, a essa relação com Ele é a maior ajuda que posso receber.*

“Olhando-me em ação, eu percebo”: este é o método ao qual Giussani nos introduz constantemente. Quando vivemos intensamente a experiência humana, quando vivemos intensamente o real, descobrimos como as coisas acontecem e qual é o seu significado. Quando partimos da experiência, observando-nos em ação, o que descobrimos? Que é verdade tudo o que nos dizemos: é uma outra coisa viver as circunstâncias como uma provocação para mim, tanto é verdade que quando você vive assim – como você contou – iria “até o fim do mundo apoiada só nessa certeza”, nesse modo de viver o real. E quando isso falta, você se defende da realidade por “um medo louco”. Giussani quer que desfrutemos da realidade inteira, mas para que isso aconteça é preciso arriscar na realidade, vivendo-a como uma provocação. Para quê? Para um diálogo com o Mistério que faz a realidade, que está no fundo da realidade, “um diálogo com o Amado [...] através de mil instantes que são uma reverberação d’Ele”. Tudo se torna ocasião de diálogo com essa Presença. Sem

experiências como as que vocês estão contanto, o diálogo com essa Presença permanece algo formal e, desse modo, não podemos ver como a fé é a resposta exaustiva à pergunta, à exigência de diálogo com o Mistério. Esta é a luta em que embarcamos todas as manhãs. Uma luta que não acaba.

*Pertenço à Fraternidade com todo o coração, certa deste precioso caminho que Deus me deu, desde meus quinze anos. Agora eu tenho 57, e o gosto que experimento agora na vida cotidiana é incomparável ao da minha juventude.*

Estão entendendo? O melhor ainda está por vir!

*Nos últimos anos, sobretudo após a morte do meu pai, o Senhor me atrai com uma fome e sede d'Ele que sempre estive presente, mas que é cada vez maior. Experimento no meu eu essa companhia amorosa (digo isso sussurrando, cheia de temor) que é outro de mim, que me acompanha nas coisas banais do cotidiano que, com Ele, se transformam (algumas vezes) em pequenos milagres através dos quais Ele me diz: "Estou aqui!" Vou direto ao ponto. Nos Exercícios, vivi uma grande contradição. No sábado à noite fui para a cama com uma tristeza infinita. Pensei: "É você que se afasta...". Falta-me – me parece – aquele nível da fé que acontece no eu depois (não no sentido temporal) de tê-Lo visto na humanidade mudada e no "lugar". Sinto-me como se estivesse comprimida entre barras. O passo seguinte que dei foi reconhecer que a contradição do meu coração – que, não posso negar, às vezes se sente apertado – não é uma objeção, eu posso amar o Movimento e esse meu estranho caminho.*

Perfeito. Estão vendo? No decorrer do tempo, enquanto você avança no caminho, o gosto que você sente na vida cotidiana é incomparável ao de sua juventude. Por quê? Porque você é cada vez mais atraída pelo Senhor "com uma fome e sede d'Ele" que a chamou para viver em Sua companhia. Mas isso nunca acaba, e você pode sentir uma nostalgia e uma tristeza até nos Exercícios; e, então, isso lhe parece uma contradição quando, ao contrário, é Ele que a faz fazer, mesmo durante os Exercícios, a experiência de tristeza para lhe perguntar: "Você não sente a minha falta?", para atraí-la ainda mais a Si. Não é uma contradição. No entanto, depois de ter experimentado um gosto crescente, ainda achamos que isso está em contradição com nossa fome e sede. Não, é a modalidade através da qual, justamente no gesto dos Exercícios, o Senhor chama você de modo ainda mais forte: "Você não sente a minha falta?" E então faz você dar, justamente enquanto fazemos os Exercícios, um passo de consciência, dizendo: "Estou aqui". Ele está aqui te esperando.

*Olá. Durante uma reunião da casa, uma amiga fez uma pergunta muito interessante para mim. Retomando um trecho do segundo capítulo dos Exercícios da Fraternidade – quando você cita Simone Weil, que diz: "Os bens mais preciosos não devem ser buscados, mas aguardados" –, ela perguntou: "Como é possível buscar sem esperar? Parece-me que as duas coisas não podem ser separadas. O que vocês acham?" Essa pergunta foi uma grande provocação para mim e imediatamente me lembrei de uma frase que minha mãe sempre me dizia quando eu era pequena: "Nada é suficiente para você, você nunca está contente e está sempre procurando alguma coisa, está sempre à procura". O que ela me dizia é muito verdadeiro: eu era, e ainda sou, muito inquieta, mas para mim, hoje, há uma enorme diferença em relação àquela época. Houve um tempo em que eu procurava por algo ou por alguém (já que ela se referia principalmente aos afetos) de modo confuso e desesperado; hoje, eu espero porque o que eu buscava na época, hoje tem um nome para mim, um rosto. Depois do encontro com Cristo, eu não busco mais de modo confuso, mas espero e procuro por Ele em tudo o que acontece ao meu redor. Para mim, o encontro com Cristo é um ponto do qual não é mais possível voltar atrás: é Ele quem coloca no meu coração a espera de sempre poder reencontrá-Lo. Não estou mais sozinha, e me sinto uma "investigadora" privilegiada, que tem nas mãos e no coração o maior tesouro da vida.*

Aí está a descoberta da grande diferença: entender por que temos essa espera mesmo depois de ter feito o encontro cristão! Quem a desperta em nós? Cristo! Sempre dizemos que o nosso eu desperta num encontro. Enquanto o poder tenta reduzir o desejo e esvaziar as perguntas, Cristo exalta o

desejo, exalta a nostalgia, exalta a falta. Essa é a diferença. A questão é que agora, como quando alguém se apaixonou, você tem um nome e um rosto diante do qual viver a nostalgia: “Depois do encontro com Cristo, eu não busco mais de modo confuso, mas espero e procuro por Ele em tudo o que acontece ao meu redor. Para mim, o encontro com Cristo é um ponto do qual não é mais possível voltar atrás”. Esta é uma fé que não perdeu o senso religioso pelo caminho, uma fé que não foi separada, como dissemos antes, do fundamento religioso. Uma fé que não tenha religiosidade, um fundamento religioso, que não responda como deveria ao sentimento religioso (como estamos vendo hoje) não interessa a ninguém! Por isso, é crucial entender o que acontece em nós. Muitas vezes esperamos que Cristo elimine a nostalgia, a tristeza ou a falta que somos. Mas se fizesse isso, se comportaria como o poder, que reduz o nosso eu e nos esvazia do humano que há em nós. Ao contrário, para que ninguém nos engane, Ele o exalta e nos liberta de qualquer tentativa do poder de nos agarrar. O Único que pode nos tomar é Aquele que corresponde à espera do coração, com uma fé que tem dentro essa religiosidade.

*Décadas se passaram desde que, encontrando o Movimento, descobri (graças à Escola de Comunidade) que eu sou espera. E hoje? Hoje, esperar é meu verdadeiro trabalho cotidiano. Com o tempo – graças a toda a história que vivi aqui – descobri que todas as vezes que fazia uma lista das “coisas-coisas”, aquelas coisas bem “concretas” que eu esperava e desejava, sempre havia alguma coisa mais que eu esperava; algo inesgotável a que não podia por limites. Havia, há o Tu. Toda a espera se tornou trabalho, e não no final, quase como exaustão por aquelas perguntas, mas dentro daquelas perguntas: E agora? E daí? Agora, Tu. Hoje a espera é justamente um pedido, o pedido no coração da alvorada cotidiana: “Tu, rasga os céus e desce! Agora, hoje!” E fico espiando, dentro do meu dia, o sussurro quase imperceptível da Sua respiração.*

É de deixar sem palavras! Cada manhã é “espera [...] no coração da alvorada cotidiana”, e, a partir desse momento, passa o dia “espiando o sussurro quase imperceptível da Sua respiração”. Que intensidade adquire, então, qualquer instante! Se eliminarmos a espera, um testemunho como o que acabamos de ouvir será apenas um sonho, e os dias se tornarão achatados, insuportáveis. No entanto, basta “um sopro”, como vimos em outros momentos da Escola de Comunidade, para que tudo desperte novamente e a vida se torne um espiar, a cada instante, “o sussurro quase imperceptível da Sua respiração”. Quem não gostaria de viver assim cada instante?

### **Avisos:**

Escola de Comunidade. A próxima Escola de Comunidade por videoconferência será realizada na quarta-feira, 16 de junho, às 21h.

Neste período vamos trabalhar sobre o 3º capítulo do livro dos Exercícios, *Há esperança?* O PDF desse capítulo estará disponível em italiano e nos principais idiomas a partir de amanhã, no site de CL. A versão em áudio também estará disponível.

A partir de 3 de junho [*em italiano*], o livro *Há esperança? O fascínio da descoberta* estará disponível para compra nas livrarias e nas principais lojas on-line, nos formatos impresso e e-book.

Férias de verão [europeu]. Muitas comunidades desejam ou já estão se organizando para propor períodos de férias neste verão. Antes de decidir se “fazer ou não fazer”, sob quais condições, etc., recomendo que todos se comparem até o fundo com a experiência que tivemos neste período, para que aí emergam os critérios também para as férias.

Como vimos esta noite, precisamos olhar para a experiência que fizemos para não perdê-la, também no modo de viver as férias. Dou como exemplo os recentes Exercícios de Fraternidade. Recebi muitas cartas de pessoas testemunhando experiências de unidade, de companhia, de povo, vividas durante este ano. Todos sabemos em que condições as vivemos, mas que raiz profunda tem a experiência de companhia (ouvimos também esta noite) que o Movimento nos propõe, se é possível vivê-lo nas diferentes condições, como experimentamos durante esse período de pandemia! Quem



sabe quantos de nós podemos testemunhar ter experimentado isso neste ano, qualquer que seja a forma com a qual nos fizemos companhia (através das Fraternidades, dos amigos, das Escolas de Comunidade, etc.). Quem fez experiência da “raiz profunda” da companhia, do “sussurro da Sua respiração”, percebeu a grande liberdade que gerou e gera; e também pela criatividade que suscitou, dentro das circunstâncias em que cada teve que viver. É com isso que podemos olhar para as férias na condição em que estamos.

Nossa consistência, em suma, não está em “fazer” ou “não fazer”, mas na descoberta de qual é a verdadeira companhia de que precisamos (como dissemos antes), aquela que deriva do reconhecimento de uma Presença que se chama “fé”. Só esse reconhecimento cria a verdadeira comunidade.

Cada um, comparando-se com essa experiência, avaliará em total liberdade e responsabilidade se e como será possível se encontrar neste verão: somente a partir da verificação que fizemos de nossa experiência de real satisfação, seremos livres em relação à forma de viver as férias numa circunstância que ainda é complexa, objetivamente falando. Todos gostaríamos que a situação se resolvesse, que as perspectivas estivessem mais definidas e as condições fossem tais que nos dessem 100% de segurança de um certo tipo de iniciativa ser ou não oportuna. Em primeiro lugar, queremos aceitar os fatos, não opor resistência, mas olhá-los de frente. E os fatos nos mostram uma melhora geral na situação sanitária: felizmente, há cada vez mais sinais de melhora, de uma saída. Vamos acompanhar e, como todos, esperamos que as coisas sejam resolvidas o mais rápido possível. As restrições estão se afrouxando, mas com cautela; e seria irresponsável e superficial pensar no verão como um “todo mundo livre”. O próximo mês será decisivo para entender como a situação se desenvolverá. Por isso, é preciso usar a razão e a própria responsabilidade até o fundo.

Cada um de nós, com base nesses critérios, avalie, portanto, se deve propor ou aderir a férias de pessoas e famílias, sob a própria e exclusiva responsabilidade, e respeitando todas as normas vigentes. Estas indicações valem para todos: adultos, universitários, colegiais e ginásiais.

Para que sejam realmente férias, ou seja, um momento de descanso e de verdadeira companhia ao destino, sugiro que, antes de mais nada, levem a sério as propostas que fazemos, por exemplo, de aprofundar o conteúdo dos livros sugeridos e o de encontrar pessoas que possam melhor nos testemunhar o caminho de Escola de Comunidade feito este ano.

Nos próximos dias, vocês poderão encontrar no site de CL o texto “Férias, o tempo da liberdade”, conhecido, mas que é sempre útil para retomar, que contém um resumo do que Dom Giussani sempre achou importante e sempre nos indicou para viver esse tempo. “As férias devem ser as mais livres possíveis. O critério das férias é respirar, se possível a plenos pulmões”, disse ele em 1997. A promessa é o aumento da autoconsciência: apostamos no que realmente nos importa e, no retorno, vamos nos contar o que aconteceu.

Livros para o verão. Para este verão propomos a leitura dos livros abaixo, todos disponíveis também em e-books. Na *Passos* de junho vocês encontrarão a apresentação de todos eles.

- O primeiro que sugerimos é *Attraverso la compagnia dei credenti*, de Dom Giussani, edições Bur, no qual estão reunidas as meditações e os diálogos de Dom Giussani nos Exercícios da Fraternidade de 1994 a 1996.

- Depois, *Ho fatto tutto per essere felice. Enzo Piccinini, storia di un insolito chirurgo*, de Marco Bardazzi, edições Bur.

Além destes, seguindo a sugestão que Dom Giussani tantas vezes nos deu, pensamos em repropor dois textos “clássicos”:

- *Il mestiere di vivere*, de Cesare Pavese, edições Bur.

- *Diário de um pároco de aldeia*, de Georges Bernanos, É Realizações.

Como vocês ouviram nos Exercícios, onde retomei algumas passagens, estes são dois exemplos de homens que, por sua sinceridade ao descrever a experiência humana, nos ajudam a lidar com a nossa humanidade, a não ceder ao torpor.

Meeting de Rímini. Gostaria de lembrar que desde 15 de maio estão abertas as inscrições para o trabalho voluntário, que se encerrarão em 15 de junho. Para todas as informações, consultem o site do *Meeting da Amizade entre os Povos* ou entre em contato com a secretaria dos voluntários no endereço: [volontari@meetingrimini.org](mailto:volontari@meetingrimini.org).

Centenário do nascimento de Dom Giussani e Edital de Concurso. Convido-os a ler o artigo publicado no site de CL, que resume o que dissemos nos Exercícios quando apresentamos a celebração do aniversário do centenário de nascimento de Dom Giussani. Gostaria também de comunicar que, entre o final de maio e o início de junho, será publicado um edital do Concurso Internacional promovido pela Fraternidade de CL, com prêmios para dois níveis, mestrado e doutorado, sobre a figura e a obra de Dom Giussani. Sobretudo para aqueles que trabalham em universidades, é uma boa oportunidade para despertar interesse em torno de Dom Giussani e promover um estudo sobre ele. O convite é internacional, portanto pode ser divulgado nas universidades do mundo inteiro.

*Veni Sancte Spiritus*

Boa noite a todos.